

Agustina Bessa-Luis, A Sibila*

François Prost

Universidade de Paris 4 - Sorbonne

Com o mesmo título de um romance do prêmio Nobel *Pär Lagerkvist*, eis aqui a crônica familiar – [que se passa] no mundo rural ainda semi-feudal do norte de Portugal, entre os séculos XIX e XX – dominada por uma mulher surpreendente, oráculo, que valeu também à sua autora o cognome de Sibila.



Entre os séculos XIX e XX, no universo rural do norte de Portugal ainda semi-feudal, uma crônica familiar dominada por um surpreendente retrato de mulher, que valeu à sua autora o cognome de “A Sibila”, em seu país.

Como a maioria dos autores portugueses, com exceção de Fernando Pessoa e José Saramago, Agustina Bessa-Luís é muito pouco conhecida na França, embora ela esteja entre os “ícones” culturais nacionais: como

* O texto que aqui apresentamos, traduzido do francês, foi publicado no *site* do Professor François Prost, no dia 25/02/2009. Ele é Professor de Latim na Universidade de Paris - 4, Sorbonne. Ao prezado colega, que gentilmente autorizou a sua tradução para o português, a fim de fazer parte deste dossiê da *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, sobre Agustina Bessa-Luís os nossos agradecimentos.

prova disso é o seu retrato que tem o título de “A Sibila” – situado em bom lugar, entre as glórias de Portugal, sobre a gigante cronologia universal – apresentado ao público em uma das salas históricas do Mosteiro dos Jerônimos de Belém, em Lisboa. Colocado no lugar certo, como prova a leitura do seu romance mais célebre.

O romance é antes de tudo o de um mundo, o universo rural, dividido entre tradições imemoráveis e a emergência da modernidade, o qual ocupa um importante lugar na reflexão e no imaginário de um país dividido, se é que se pode dizer isto, entre passado e futuro. Esse universo é aqui descrito, através da história de uma família tradicional, cuja saga se divide entre os séculos XIX / XX, e as aventuras de seus principais membros, os quais poderiam, cada um deles, reivindicar a honra de um romance. Todavia, a narrativa em si mesma é assumida do ponto de vista de *Germa*, uma descendente mais jovem, que não pertence mais a esse mundo, e que evoca a memória familiar no quadro mais ou menos abandonado da propriedade da família: esse procedimento introduz, desde o começo, a distância em relação ao passado, e essa distância é igualmente duplicada na narrativa, por apresentar um distanciamento constantemente crítico em relação à obra, através de freqüentes observações analíticas da narradora, que julga tanto quanto relaciona, e precisamente relaciona e julga, como só pode fazê-lo quem viveu o bastante nesse microcosmo, para compreender suas engrenagens, porém, com bastante afastamento para não se tornar prisioneiro desse microcosmo.

Ao descrever algumas gerações, a narrativa traz em primeiro plano a personagem epônima, *Joaquina Augusta* dita *Quina*, dita “A Sibila” desse pequeno mundo. Mulher forte, para dizer pouco, visceralmente ligada à sua terra, e violenta defensora de seus interesses num contexto áspero de rivalidades rurais, de invejas pessoais e de ganâncias

familiares, complicadas pelas dificuldades da vida econômica local, e as venturas e desventuras das condutas individuais ... Para dizer a verdade, nem sempre é fácil achar-se nesse labirinto da árvore genealógica, forçosamente enriquecido por alianças, e algumas vezes, por descendências ilegítimas. Porém, essa mesma complexidade que exige do leitor contemporâneo (e urbano) uma atenção constante, participa da estranheza desse leitor, em relação a um mundo que não é o seu. E, em certos aspectos, se torna dificilmente penetrável, pois, esse modo de organização, compreendido na longa duração do tempo lhe é estranho, à medida que o cotidiano evidente das personagens, para quem as querelas de vizinhança, por exemplo, se herdam de uma geração à outra, assim como a terra, e que o atavismo constrói as pessoas como as sementes reproduzem as colheitas.

As coisas se complicam igualmente com essa divisão histórica, que se opera no nível das últimas ramificações da árvore genealógica, entre os enraizados fiéis à tradição, e aqueles que partem do mundo rural para tentar a aventura da cidade, e uma vez nela, não são solidários com os primeiros. *Germa* – cujos pais pertencem ao segundo grupo, mas que na sua infância participou do primeiro grupo – encarna bem essa ruptura progressiva, que corta as raízes rejeitando um passado perdido, mas ao mesmo tempo faz disso a história, e em particular, ao elevar à imortalidade literária a figura d'*A Sibila*, que de outra forma, tal como as épocas, estaria condenada ao esquecimento. Ensino proustiano, à sua maneira: para recrear e fazer viver o mundo na arte é preciso tê-lo conhecido intimamente, mas sem ter que se retirar dele, a fim de evitar deixar-se entranhar no seu curso inelutável em direção à morte e ao silêncio.

Desse mundo, *Germa* é então a intérprete e a analista, formando assim um tipo de par funcional (e um par de relações de amor-ódio) com a *Sibila Quina*, que deve seu sobrenome a uma estranha capacidade retirada do fundo das idades: a de ser

intérprete das forças e dos poderes, por obra de seu mundo imemorável, sobre o qual ela tem, entretanto, uma posição muito bem tomada, para compreender o jogo de forma diferente do daquelas intuições misteriosas, e traduzi-lo sob uma outra linguagem que não aquela do oráculo:

No entanto, era Quina a primeira a auscultar uma conduta estranha, um gesto, uma palavra que se não previram, um passo que fugiu do seu equilíbrio, uma decisão falhada, uma razão que sofreu um súbito recontro e daí surgiu o inesperado. O imponderável nas criaturas era para ela motivado pela influência de espíritos favoráveis ou malignos, sombras manifestas do além. Mercê dum sentido finíssimo para se embrenhar nos fenômenos da natureza humana ou simplesmente do meio vital, com os seus elementos, suas causas e efeitos, depressa adquiriu uma sabedoria profunda acerca de todos os ritmos da consciência, do instinto, das forças telúricas que se conjugam no fatalismo da continuidade. Conhecia os homens sem o aprender jamais. Sabia, uma por uma, qual a reação que correspondia a determinado tipo, perante determinado facto. Adivinha-lhes os pensamentos, mesmo antes de ela os poder raciocinar. Um sorriso fazia-a pôr-se em guarda, assim como uma aranha que tecia a sua teia duma folha a outra dum pé de malva a decidia a mandar espalhar o grão na eira, ou os carolos de milho ainda húmidos da debulha. Como o que distingue para lá das montanhas qual a sombra de fumo, de pó ou de nuvem; como o que na floresta conhece o rasto do animal em tempo de caça ou de amores, como o que aspira no vento o perigo, como o que presente na atmosfera a confiança ou a traição, assim ela vivia, intensamente adaptada com essa situação selvagem de defesa, de astúcia, de previsão e pré-conhecimento da vida e das coisas e que o homem civilizado, unido em rebanhos pacíficos, amparado em convenções artificiais, vai perdendo ou nunca desenvolve por completo. Simples era, portanto, para ela atingir uma ascendência espiritual sobre todos

aqueles para quem essas qualidades inatas só poderiam significar símbolos de magia. Aos poucos, foi ganhando títulos de adivinha, de mulher de virtude, que nunca repudiou completamente, ainda que lhe repugnasse ser equiparada a qualquer explorador de ingenuidades broncas. Acima de tudo, Quina nunca soube até que ponto a sua condição espiritual era poderosa. Agiu sempre num plano bastante medíocre de vaidade e pura ternura para tudo quanto lhe parecia informemente criado e existindo num estado temporário de imperfeição, ternura esta tão grande quanto o seu desprezo, porque tudo quanto ela amava – todas as criaturas, todas as formas, os mistérios, a própria beleza – lhe parecia longe e indiferente do que ela teria desejado. O amor é um estado de lucidez e de vidência. Aquele que ama é implacável; e só as almas mornas e indiferentes encontram no seu semblante uma justificação de misérias fraternas e, perdando-lhes, exigem o seu próprio perdão. (p.59-61)

Asseguradamente, a narradora (que assim se desvela, ao mesmo tempo que o seu objeto) não tem falta de amor por sua personagem, pois o leitor é surpreendido pela distância que separa o retrato totalmente em contraste de *Quina*, saído de uma hagiografia qualquer, ou do quadro ingênuo de uma ruralidade de quinquilharias, para uso dos nostálgicos urbanos. Retratista ‘implacável’, ela [a narradora] entra com a mesma simpatia nos meandros dos impulsos de generosidade ou de ternura de *Quina*, mostra-se incisiva e impiedosa no desvelamento de suas ninharias e de suas crueldades, e na denúncia de seus erros ou limitações de sua inteligência. Em todo o caso, jamais “morna e indiferente”, e afastada de toda a problemática do perdão, proibindo-se ela mesma o perdão para quem é, aos olhos de uma *Quina*, uma traição?

Da mesma maneira, para *Quina*, que vê seus parentes deixar o campo, o problema é o da herança: ela mesma moça velha e sem filhos, *Quina* com sua lucidez propriamente sibilina, escolhe dois herdeiros simbólicos, formando, por sua

vez, um par funcional. De um lado *Custódio*, a criança adotada, mais ou menos débil e inconstante, que se apega a ela, em parte (mas somente em parte) como um animalzinho à sua mãe, e sonha bem concretamente em herdar sua terra: uma escolha dificilmente justificável, segundo os cânones do mundo moderno, mas que se pode explicar pela intuição da qual *Custódio*, com todas as suas deficiências, é o emblema: o enraizamento e a fusão com o mundo do qual *Quina* é a profetiza, e talvez, também, o último de seus parentes, sobre quem ela exerce todo o poder de sua magia. De outro lado, encontra-se *Germa*, em quem *Quina* pressente que poderia ter uma possível herdeira espiritual, iniciada nos seus mistérios, caso ela aceitasse voltar atrás, de alguma maneira, ao movimento familiar progressivo que a arranca da terra. Tanto de um lado como de outro, *Quina* mostra assim a profundidade, e ao mesmo tempo o limite de sua intuição sibilina, pois ela percebe, instantaneamente, o que em cada ser é absolutamente essencial, do seu ponto de vista, mas ela não pode evitar o fracasso de suas ambições, por desconhecimento (ou ignorância voluntária), de tudo o que na complexidade da vida, pode contrariar seus sonhos, e faz dela [Germa], fatalmente, o último descendente estéril de uma família que não é mais rural, e a última detentora de um poder imemorable, que não tem mais lugar no mundo moderno, para ser exercido dessa mesma forma. Assim, da parte de *Germa* há uma forma de traição, que reduplica a abdicação por parte dos parentes de *Quina*, de seu ser rural. Mas, a autora sugere, na última página, a única possibilidade de uma transformação salvadora da palavra sibilina – possibilidade frágil, de percebê-la ou de abandoná-la, como todas aquelas que foram tiradas eventualmente do nada:

Eis Germa, eis a sua vez agora e o tempo de traduzir a voz da sua sibila. Talvez, porém, o seu tempo seja improdutivo e nefasto, e ela fique de facto silenciosa, porque – quem é

ela para ser um pouco mais do que Quina e esperar que os tempos novos sejam mais aptos a esclarecer o homem e trazer-lhe a solução de si próprio? Talvez ela fique de facto imóvel no seu constante, lento ou vertiginoso baloiçar, na casa que fortuitamente habita, e a sua história fique hermeticamente fechada no círculo de aspirações que não conseguiu detalhar e cumprir, porque aconteceu cedo ou tarde, porque não se compreendeu ou não se crê o bastante, porque se deseja demasiado e isto é todo o destino, porque... porque... (p.278).

Referências bibliográficas

BESSA-LUIS, Agustina. *La Sibylle*. Paris: Metailié, 279 p.

BESSA-LUIS, Agustina. *A Sibila*. 4. ed. Lisboa: Guimarães, 1970.

Tradução de
Viviane Cunha
Universidade Federal de Minas Gerais